

AS ANGUSTIAS E OS MEDOS DE UM FUTURO PROFESSOR DE MATEMÁTICA QUE SE ENCONTRA CURSANDO O COMPONENTE CURRICULAR ESTÁGIO III: UM ESTUDO DE CASO

Angelita de Souza Leite - Jorge Costa do Nascimento
angel_lita_4@hotmail.com - pepeucosta1@hotmail.com
Universidade do Estado da Bahia – Brasil
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil

Tema: IV.2 – Formação e Atualização de Professores

Modalidade: Comunicação breve

Nível educativo: Terciários - universitário

Palavras chaves: Saberes da experiência, Emoções, Estágio.

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação - Educação Científica e Formação de Professores cujo objetivo é identificar e analisar os saberes mobilizados e transformados por discentes do Curso de Licenciatura em Matemática da UNEB, revelados no primeiro contato com a regência durante o estágio. Na produção dos dados utilizamos a entrevista semiestruturada, os diários deles no Google Docs e observação de aulas, em turmas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Caetitê/Ba. Construímos este texto com base na análise da entrevista com um estagiário. Essa pesquisa terá como base teórica os estudos de Tardif, Gauthier e Pimenta. Identificamos que o estagiário apresentou crenças sobre o ensino da matemática provenientes das suas experiências, revelando que o saber da experiência os ajudará na superação dos medos, angústias, aflições e inseguranças que o tem incomodado, desde que percebeu o estágio como o momento de verificar se será professor de matemática, pois a mobilização e a transformação dos saberes necessários à formação inicial do professor acontecerão na confluência com a prática. Evidenciamos que é no decorrer do estágio que se solidificará ou não a escolha da profissão de professor de matemática desse estagiário.

Introdução

Essa pesquisa surgiu do meu interesse em compreender os saberes mobilizados e transformados por um grupo de alunos em estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, onde atuo como professora da área de Educação Matemática.

Como aluna do Programa de Pós-Graduação - Educação Científica e Formação de Professores, em nível de mestrado acadêmico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, surgiu a oportunidade de juntamente com meu orientador investigar os saberes docentes desses referidos alunos. A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os saberes mobilizados e transformados pelos discentes do Curso de Licenciatura em Matemática da UNEB - Campus VI, que se revelam no Estágio, quando ocorre o primeiro contato deles com a regência.

Para a realização da pesquisa contamos com uma turma de 10 alunos matriculados no componente curricular estágio III, que apresentam o mesmo perfil, de inexperiência com a regência no ensino fundamental, 7 deste alunos não vivenciaram quaisquer experiências como regente os outros 3 vivenciaram uma breve experiência de apenas três meses, substituindo professores de física e matemática no ensino médio.

Neste texto, vamos apresentar apenas o estudo de caso do aluno João, que apresenta no seu discurso crenças referentes ao ensino da matemática, provenientes das experiências vivenciadas na educação básica, que foram se revelando no decorrer da entrevista semiestruturada. Evidenciando-se que os saberes das experiências de João como aluno da educação básica, que antecedem o seu ingresso no curso, são percebidas por ele como um saber que será mobilizado e transformado em novos conhecimentos que vão ajudá-lo na superação dos medos, angústias, aflições e inseguranças que o têm acompanhado, ao perceber que no estágio ocorrem mobilização e transformação dos saberes necessários à formação inicial do professor.

Os Saberes e a Formação Inicial do Professor

As discussões em torno da formação e da prática pedagógica faz parte do cenário histórico da formação de professores, mas constantemente no contexto de discussões sobre ensino-aprendizagem como nos estudos de Gauthier (1998); Tardif (2010), Pimenta (2012), Pimenta e Lima (2012) o debate sobre saberes docentes mobilizados e transformados por discentes de cursos de licenciatura e, professores em formação inicial, vêm despertando o interesse destes e de outros pesquisadores.

De acordo com Gauthier (1998); Tardif (2010) e Pimenta (2012) existe uma diversidade de saberes que convergem para a formação do saber profissional do professor. O modo como o docente conduz esses saberes que vão determinar o seu saber-fazer, o sua capacidade individual, a sua forma particular de ser professor. Essa relação do professor com os seus saberes é constituída ao longo de sua vida e pelas suas relações sociais. Nesse sentido, Tardif (2010) afirma que os saberes dos professores também provêm de lugares sociais anteriores à sua carreira docente. Ele ainda garante que, os saberes docentes são plurais, heterogêneos e temporais.

Para esse autor, “o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção” (Tardif, 2010, p.68). As questões relacionadas à temporalidade do saber docente estão ligadas à vivência do professor, ou seja, a sua história de vida pessoal, escolar e sua experiência

profissional construída ao longo dos anos. Nesse sentido, o saber docente é heterogêneo, pois é constituído por diversas fontes de saberes “especificamente nos saberes experienciais adquiridos no início da carreira, que são, parcialmente, uma reativação, mas também uma transformação dos saberes adquiridos nos processos anteriores de socialização (família, escola e universidade)” (Tardif, 2010, p. 107).

No processo de ensino há “mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino” (Gauthier, 1998, p. 27).

Tomando por referência esses autores dá-nos a ideia de que o professor acumula os saberes que com o tempo, vão se transformando em novos saberes, e, sempre que necessário há uma (re) imersão nesses saberes, que vão sendo transformados e revisitados.

Refletindo sobre essas ideias podemos pensar que as questões da temporalidade também estão presentes durante os estágios de regência, pois no estágio ocorre um movimento dinâmico, onde se produz um saber-fazer singular, considerando que a prática pedagógica do estagiário, desencadeia um processo de mobilização e transformação dos saberes da experiência que antecedem ao ingresso nos cursos de formação.

No estágio, a relação de interação com o aluno da classe de regência, sujeito ativo, dotado de emoções, valores e afetividade, influencia a mobilização de diversos saberes pelos estagiários em sala de aula.

Ao iniciar a prática pedagógica no estágio, esses futuros professores desenvolverão uma gama de saberes práticos, necessários a sua atuação em seu lugar de trabalho. O que será permeado por rotinas, normas e valores, que refletem sobre a sua escolha pela profissão. Neste sentido, a fase inicial da carreira do professor se constitui em momentos de aprendizagem, muitas vezes difícil e “ligado à fase de sobrevivência” (Tardif, 2010, p.108) do professor na carreira. Desta mesma forma o estágio supervisionado se constitui, para o aluno, em um período de aprendizado difícil, em que a prática pedagógica contribuirá para sua escolha pela profissão de professor.

O professor no início da carreira deve mostrar que é capaz de mobilizar os saberes da experiência, que muitas vezes se transformam muito cedo, “em certezas profissionais, em truques do ofício, em rotinas, em modelos de gestão da classe e de transmissão do conteúdo”. (Tardif, 2010, p.108). É o que também se espera do estagiário durante o estágio supervisionado.

O estágio supervisionado para os alunos que ainda não exerceram o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas. (Pimenta & Lima, 2012, p.102)

O estágio supervisionado se torna para o estagiário um espaço de troca de experiência com o professor regente e com os alunos, que possibilitam ao estagiário vivenciar uma gama de emoções ocasionadas pelo “impacto diante da real condição das escolas” (Pimenta & Lima, 2012, p. 103).

A Entrevista

Para este trabalho usamos a entrevista semiestruturada, uma técnica de produção de dados que permite uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado, o que possibilita ao primeiro fazer as necessárias adaptações ao longo dela. Segundo Lüdke e André (1986) a entrevista favorece: a produção de dados de caráter subjetivos; a manifestação das atitudes, emoção e opiniões dos sujeitos entrevistados; buscar respostas para uma situação problema que já esta na mente do pesquisado, o que facilita a procura por informações que possivelmente os entrevistados tenham.

Antes que o estagiário João iniciasse o seu estágio de regência realizamos com ele uma entrevista cujo tema foi o estágio supervisionado, buscando compreender como ele percebia o estágio supervisionado e como pretendia mobilizar seus saberes durante o mesmo. Ele demonstrou muito entusiasmo com o estágio, mas com muitas restrições com o que poderia encontrar na sala de aula.

Quem é João?!

João é um aluno do 7º semestre do curso de Licenciatura em Matemática, com matrícula regular, que declarou não ter experiência com magistério, e, que esta cursando além do Estágio Supervisionado outras disciplinas, componentes curriculares. Realizará o estágio em uma escola do ensino fundamental, da rede estadual no município de Caetité –Ba.

A preferência pelo curso de Licenciatura em Matemática, segundo o mesmo, se deu a princípio, por ser um curso da área de exatas, a qual gosta muito, isto porque alguns professores de matemática o estimularam a gostar de matemática. Surgindo assim a necessidade de aprender mais matemática, e poder contribuir para a formação dos alunos do ensino médio e futuramente também se tornar professor do curso de Licenciatura em Matemática.

João afirma que tem medo de não conseguir ser o professor que ele idealiza, e com isso se desestimular em ser professor, ou até mesmo desistir do curso. Para ele o “estágio é o divisor de águas”(Fragmento da entrevista de João) é o momento de decidir se vai seguir a carreira ou não, ou se vai optar por outra área.

Nesse momento da entrevista ele nos revela insegurança e medo da experiência de regência no estágio, que pode ser frustrante e influenciar negativamente na sua vida, fato constatado em vários momentos da entrevista. Como segue:

Nessa etapa do curso iremos realmente conhecer o ambiente de trabalho, nesse momento surge em nossas mentes inúmeras dúvidas, desafios, medo de nos frustrarmos e a vontade de oferecer aos alunos um ensino dinâmico e significativo para cada um. O primeiro sentimento que bate é o medo, medo de não estar preparado para enfrentar a sala de aula, ao mesmo tempo sinto vontade de estar em sala, promover o aprendizado de matemática de maneira que os alunos sejam estimulados a enxergar as aplicações da matemática em nossa realidade. (...) Fico meio receoso para os primeiros dias de aula (...), em questão ao comportamento de turma, de como eu serei como professor, será que a turma vai estar gostando do meu trabalho, as dificuldades de elaborar uma aula, levar algo inovador para a sala de aula, o que é muito difícil para o curso de matemática, são esses pontos assim que deixam agente aflito com essa questão de estar em sala de aula. (Fragmento da entrevista de João).

Esse depoimento revela as ansiedades e os desejos de João em conhecer o ambiente de trabalho, onde irá realizar o estágio, de promover uma aprendizagem significativa da matemática. Mas estes desejos vêm acompanhados do sentimento de medo de não conseguir atender as exigências de um ensino de qualidade.

João demonstra insegurança diante dos desafios a serem enfrentados na sala de aula, revela receio em lidar com a turma, por medo que não consiga manter a disciplina, de não agradar aos alunos. Em um dado momento da entrevista menciona que a depender do conteúdo a ser ensinado é difícil vincular a realidade dos alunos, principalmente por conta do comportamento da turma, da relação do professor com a turma. Sabe que se ficar complicado terá que recorrer para o método tradicional, que é “um método mais maçante” (Fragmento da entrevista de João), mas no qual se sente mais seguro.

Nesse sentido Tardif (2010) lembra que os saberes dos professores estão relacionados com a emoção, que movimentam uma ampla carga de afetividade, que muitas vezes se apoiam no saber-fazer e no saber-ser.

Perguntamos a ele o que sentia em relação ao primeiro estágio de regência? Ele respondeu: “medo misturado com a vontade fazer um bom trabalho em sala de aula, não deixar uma imagem de que a gente não foi bom o suficiente, para pelo menos ensinar algo para uma classe” (Fragmento da entrevista de João).

Ele demonstra insegurança, e preocupação com o trabalho que vai desenvolver em sala de aula. Para ele, como veremos no fragmento a seguir, o papel do estagiário é ensinar algo para o aluno, “se conseguir transmitir o conteúdo com segurança, usando de uma metodologia adequada” (Fragmento da entrevista de João). Há um sentimento de estar cumprindo seu papel de estagiário (de professor) ao permitir que o aluno aprenda. Acredita que ser um bom professor de matemática é:

(...) esta levando para sala de aula, os conhecimentos que você aprendeu durante o curso (...) ser professor não é só aquele que vai lá e ensina calcular, mas aquele professor que esta sendo interdisciplinar, levando para a sala de aula, não só a matemática pura, mas sim o vínculo da matemática com o dia-a-dia do aluno, o vínculo da matemática a outras disciplinas, até para fazer um trabalho mais voltado para o ensino do aluno, para que o aluno possa ver o sentido da matemática na vida dele. (Fragmento da entrevista de João)

Ao fazer esse comentário João tem consciência que a aprendizagem durante o curso é importante para se tornar um bom professor, e não se restringe apenas a aprendizagem do conteúdo matemático, mas evidencia que a abordagem deve ser interdisciplinar para que os alunos estabeleçam um significado para a matemática, de forma que a matemática faça sentido para o cotidiano do aluno.

Perguntei também a ele, por que se sentia inseguro e com medo da primeira experiência com a regência? Para a nossa surpresa afirmou categoricamente, “(...) por causa da formação, tive professores muito rígidos e professores que deixavam as coisas correrem soltas, os alunos dominavam (...), tenho medo é de não saber lidar com a turma e adotar uma postura que não agrade a turma (...)”. (Fragmentos da entrevista de João). Neste relato João mostra as suas vivencias tanto na Universidade, quanto como aluno na educação básica que o deixavam com o sentimento se medo de não saber lidar com o contexto da sala de aula. Essa fala revela a importância de uma relação afetiva ente o estagiário e a turma, para João esse aspecto influencia o processo ensino-aprendizagem na sala de aula.

Aqui, fica outra vez constatado que os saberes dos professores estão relacionados com a emoção, que movimentam uma ampla carga de afetividade, que muitas vezes se apoiam no saber-fazer e no saber-ser (Tardif, 2010).

Ao questiona-lo sobre os conhecimentos que pretendia utilizar no planejamento e ao ministrar as aulas do estágio, ele, demonstra segurança nas experiências vivenciadas durante a sua formação, desde a educação básica.

Eu pretendo utilizar tanto o pedagógico como o conhecimento do currículo, muita coisa agente adquiriu em sala no curso de graduação, (...) vou tentar levar para a sala de aula alguma coisa que aprendi (...) alguma coisa mais

voltada para a pedagogia, não faz sentido agente ensinar alunos do ensino fundamental a matemática pura, sem fazer uso do conhecimento pedagogia, para facilitar a aprendizagem na sala de aula. (...) mas para superar as lacunas do curso vou tentar inspirar em alguns professores da educação básica, que tenho como professor exemplar em sala de aula, os métodos que ele dava aula em sala de aula, a forma como eles explicavam os assuntos, a forma como eles geriam a disciplina, vou tentar levar esses conhecimentos para a sala de aula, e tentar aplica essa forma no ensino, não de forma tradicional como vem acontecendo, tentar levar o ensino me espelhando nesses professores. (Fragmentos da entrevista de João)

O que está dito acima, nos permite acreditar que a influência dos professores da educação básica e os saberes adquiridos com as experiências acumuladas desde as séries iniciais somados aos saberes provenientes do curso de licenciatura em matemática, serão determinantes para a realização do estágio. Torna-se claro “que o contato com a didática, com a prática de ensino e com demais disciplinas permitem que os estagiários mobilizem os saberes da experiência vivenciados dentro e fora da universidade, que vão ajuda-lo na sua formação docente” (Pimenta & Lima 2012, p. 67).

Em outro momento da sua fala demonstra insegurança, com os conhecimentos adquiridos durante o curso, o que pode estar desencadeando em João sentimentos de aflição e medo. Ao pensar sobre o estágio relata que “as questões pedagógicas no início do curso não ajuda muito no estágio. Quando chega ao final do curso o aluno se sente sozinho para elaborar um plano, elaborar uma atividade, o estagiário fica solitário” (Fragmento da entrevista de João).

João acredita que o distanciamento do pedagógico da prática do estágio será amenizado se conseguir “(...) dominar o conteúdo, (...) não deixar os alunos tomarem conta da sala, (...)” (Fragmento da entrevista de João). Ele alega que uma boa relação com o conteúdo e com os alunos são importantes para se sentir seguro na sala de aula. Com relação a essa declaração, Tardif (2010) afirma que os valores dos saberes docentes dependem das dificuldades que apresentam com a prática, que o “saber reger uma sala, (...) o saber estabelecer uma relação com os alunos”(Tardif, 2010, p. 51) é de fundamental importância para a validação dos saberes docente.

Considerações Finais

Diante das falas de João ficam os seguintes questionamentos: Por que João afirma possuir segurança nas experiências adquiridas com seus professores da educação básica chegando a explicar que “se conseguir imita-los poderei obter sucesso no estágio, caso contrário posso até me decepcionar”?

Por que as experiências com os seus professores da educação básica são mais significativas para João, do que as experiências com os professores do curso de formação?

Se considerarmos o tempo de estudo de João, percebemos que os professores da educação básica, foram mais representativos para João, do que os professores do curso de licenciatura em matemática. Por que é difícil romper com o modelo construído de professor desde a educação infantil perpassando pelo ensino fundamental e médio?

No contexto da entrevista João deixa claro que a sua relação com professores da educação básica, principalmente com aqueles que por alguma razão o marcou, serão referência para seu estágio. Nessa reflexão João reforça a ideia que nossos alunos não aprendem a ser professor apenas com os saberes provenientes dos cursos de formação, mas a nossa postura de professor da educação básica. “É o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, (...) reelaboração dos modelos existentes na prática considerados como bons” (Pimenta & Lima, 2012, p. 35).

Nessa perspectiva da imitação e da reelaboração João busca elementos, que possam ajuda-lo a superar seus medos, aflições e angústia que precedem o início do estágio. Inferimos da análise do seu discurso, que para o estágio ele se sustenta na crença da formação a partir de um modelo, que tem características tradicionais da atuação docente. Essa concepção de modelo, “não permite que ocorra a valorização da formação intelectual, onde a formação docente se restringe apenas ao saber que mais se aproximarem do modelo” (Pimenta & Lima, 2012, p. 36).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gauthier, C. (Ed.). (1998). *Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Unijuí.

Lüdke, Menga & André, Marli E. D. A. (Ed.). (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Pimenta, S. G. & LIMA, M^a. S. Lucena; *Estágio e Docência*, - 7^a. Ed – São Paulo: Cortez, 2012.

Tardif, M. (Ed.). *Saberes docentes e formação profissional*. 3. Ed. Vozes, 2010.